

## O discurso proverbial e o preconceito contra a mulher

Jéssica Braz do Amaral<sup>1</sup>

Cristina Maria de Oliveira<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente estudo investigativo tem por objetivo, analisar o discurso proverbial como ferramenta de disseminação do preconceito contra a mulher na sociedade contemporânea. Independente da evolução da mulher nessa sociedade, adquirindo um papel ativo no mercado de trabalho, ainda há uma cultura machista impregnada em nossos discursos diários. O homem tem uma tendência natural de masculinizar o ambiente em que vive, e acaba por vezes transmitindo esses provérbios preconceituosos deflorando a imagem feminina. Freud (1925), no seu entendimento na psicanálise diz que: “As mulheres se opõem à mudança, recebem passivamente, e não acrescentam nada de si próprias”. Somos rodeados de entendimentos que nos dizem a respeito da inferioridade feminina, e assim carregamos isso como identidade de um povo. E isso é facilitado com os discursos proverbiais uma vez que eles carregam consigo, pelo longo tempo, autoridade de verdades que estejam presentes no nosso meio. Quando falamos em discurso, estamos também falando sobre poder. Assim, quando um ato feminino é inibido por um desses provérbios, estamos praticando uma relação de poderes, não unicamente sendo exercido por homens, mas também por mulheres que têm capacidade de exercer preconceito sobre seu próprio gênero.

**Palavras-chaves:** preconceito, mulher, masculino, feminino, gênero, provérbio.

### Introdução

Vivemos numa sociedade acostumada com ditos populares, onde há uma forte crítica contra a mulher e em que duvidam de uma capacidade igualitária do gênero feminino para com o masculino. Até os dias atuais, a mulher responsabiliza-se pelas tarefas domésticas de seu lar, enquanto o homem se compromete em fazer tarefas mais “pesadas”. A mulher é intitulada como

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Letras – UNICNEC/Osório - RS

<sup>2</sup> Professora de Análise do Discurso; Orientadora do estudo investigativo.

má motorista, mesmo quando as estatísticas mostram que os homens são os maiores causadores de acidentes. Assim, provérbios, que são marcas de um discurso (MAINGUENAU, 2012) machista e preconceituoso, são passados de geração em geração, por vezes inocentemente, sem serem percebidos como mecanismos de propagação desse preconceito contra o feminino; e continuamos a viver em uma sociedade voltada para o masculino.

Segundo Tiburi (2017), “Na ausência de questionamento, o machismo aparece como culto da ignorância, útil na manutenção da dominação que depende do confinamento das mulheres na esfera da vida doméstica para que se mantenham longe do poder”. Se olharmos os discursos com um olhar mais atento, percebe-se uma tentativa de manter a mulher como frágil, colocando o homem como cuidador da mesma e colocando-a como responsável pelo cuidado da casa e dos seus filhos, sem ser capaz de atingir um potencial sociocultural superior. Por outro lado, já se observa uma grande evolução da mulher, ao longo dos anos, em especial ao ocupar seu lugar no mercado de trabalho. Porém, por que ainda somos condescendentes com certos hábitos, e discursos? Levando em conta que vivemos em uma sociedade masculinizada, onde o poder tem se concentrado nas mãos dos homens, a mulher ainda enfrenta a guerra dos sexos, onde é apontada com inferioridade em todas as direções: mental, emocional ou física. Esse imperativo também traz marcas nos discursos proverbiais machistas, recheados de preconceito.

Para Lagazzi (1988, p.27), esses discursos são “um campo de análise importante para a explicitação das relações de poder que nos cercam”; o poder centraliza-se no homem. E a mulher, para atingir um grau alto de poder na sociedade, ainda precisa adotar uma postura masculina; somente assim consegue ser levada mais a sério no ambiente de trabalho.

Ao analisarmos o discurso preconceituoso desses discursos machistas, num processo de AD (BAKTHIN, 1996), na perspectiva de pesquisa qualitativa **Revista EnsiQlopédia, volume 14, número 1, out 2017, ISSN: 1984-9125 P. 107-122**

(GILL, 2002), constatamos que os ditos populares, nas falas (ORLANDI, 2008) de homens e de mulheres, continuam com a mesma intencionalidade (VAN DIJK, 2010): menosprezar a mulher perante a sociedade, independente de ela ter conseguido provar ser tão capaz quanto o homem ou até mais em muitos aspectos. Dados coletados em estatísticas publicadas foram analisados para podermos avaliar a presença desses provérbios preconceituosos e sua influência na sociedade contemporânea. Alguns provérbios foram retirados da internet escolhidos pela autora desse trabalho para servirem de exemplo.

### **Do Discurso**

Definir por um conceito único o tema discurso, sob as vertentes da AD, seria um tanto difícil uma vez que temos diversos pontos de vista, de muitos teóricos do meio. A análise do discurso permite-nos perceber o processo de fala, a interação emissor– receptor, identifica, interpreta o discurso produzido.

Para Gill (2002), essas práticas se relacionam no momento que tem o discurso por objeto e que compartilham de “uma rejeição da noção realista de que a linguagem é simplesmente um meio neutro de refletir, ou descrever o mundo, e uma convicção da importância central do discurso na construção da vida social” (p. 244). Sendo assim, o discurso constitui nossas relações, constroem nossos pensamentos e ideias. Levando em consideração que discurso é fala, é escrita, é uma produção de sentidos, ele constrói então significados.

Para Foucault (1996, p. 10-11),

O discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que se manifesta (ou oculta) o desejo; é também aquilo que é o objeto do

**Revista EnsiQlopédia, volume 14, número 1, out 2017, ISSN: 1984-9125 P. 107-122**

desejo; é visto que isto a história não cessa de nos ensinar- o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mais aquilo, por que, pelo que se luta, poder do qual podemos nos apoderar, permitir a transubstanciação e fazer do pão um corpo.

O discurso tem poder de criar, de materializar as ideias. E seguindo nessa perspectiva, ele também pode trazer consigo um lado negativo, pois é possível usá-lo para marginalizar e discriminar. Sendo assim, um indivíduo que domine a arte do discurso pode manipular, seduzir, torná-lo uma verdade absoluta.

Segundo Fiorin (1990, p. 177),

[...] o discurso deve ser visto como objeto linguístico e como objeto histórico. Nem se pode descartar a pesquisa sobre os mecanismos responsáveis pela produção do sentido e pela estruturação do discurso nem sobre os elementos pulsionais e sociais que o atravessam.

Em uma sociedade temos diversas formações ideológicas; logo, cada uma delas diz respeito a uma formação discursiva.

### **O discurso machista e sua relação de poder**

Primeiramente vamos partir da origem da palavra “poder”, que vem do latim vulgar “potere”, substituído ao latim clássico “posse”, a contração de “potis” esse, ser capaz; autoridade. Assim é possível perceber que o poder desde sua origem sempre vai nos remeter à persuasão, à força, ao controle; entre outras palavras dessa categoria.

Segundo Foucault (2004), o poder estabelece-se em micro relações de poder que permeiam toda a sociedade; ou seja, vem da família ao colégio, à igreja, em qualquer lugar há uma relação de poder.

O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles. (FOUCAULT, 2004, p. 193).

Independente de onde o indivíduo esteja, de onde ele viva, sempre haverá relações que transmitam poder, não importando sua classe social, ou em que estabelecimento o sujeito trabalhe.

Machado (2006, p. 168) comenta:

A mecânica do poder que se expande por toda a sociedade, assumindo as formas mais regionais e concretas, investindo em instituições, tomando corpo em técnicas de dominação. Poder esse que intervém materialmente, atingindo a realidade mais concreta dos indivíduos – o seu corpo –, e se situa no nível do próprio corpo social, e não acima dele, penetrando na vida cotidiana, e por isso pode ser caracterizado como micropoder ou subpoder.

Tendo esse conceito entendido, é possível analisar a relação de poder centralizado no homem por décadas a fio. Uma vez que temos o poder nas mãos dos homens, fazendo a massa social entender e aceitar a fraqueza feminina, a inaptidão da mulher perante a vida pública, teremos uma verdade absoluta entranhada na sociedade e que discorre durante anos, fazendo com que a mulher seja então desconsiderada como vivente capaz de independência, jornada de trabalho, e até mesmo superioridade para cumprir tarefas essas masculinizadas durante muito tempo. O discurso machista vem sendo passado de geração em geração, permitindo assim que a relação de poder homem- mulher seja sempre favorável para o masculino e prejudicando o feminino.

Analisando os discursos transmitidos desde os primórdios por assim dizer, é inclusive bíblico que a mulher deve servir ao homem, sem o questionar, respeitar o marido, cuidar do lar e filhos. Como então é possível modificar um pensamento tão antigo e moldá-lo para uma aceitação de que a mulher é sim um ser humano que pode ser independente, seja dos cuidados masculinos, seja financeiramente ou para qualquer outra coisa em qualquer âmbito da sua vida.

Apesar de a sociedade contemporânea ter mudado seus hábitos em torno da mulher, de ter havido uma revolução feminina, permitindo que a mulher trabalhe, não a obrigando ao casamento, ou a ter filhos, dentre diversas outras coisas, ainda hoje estamos cercados de discursos machistas, regados de preconceito e sempre diminuindo a mulher perante os homens.

Um bom exemplo seria então como nosso corpo social vê mulheres sexualmente ativas e como elas são chamadas. De um lado temos homens sexualmente ativos e do outro mulheres. É de conhecimento de mundo de todos que os homens são apelidados com nomes de animais robustos, fortes, que exaltem o poder e a beleza masculina: garanhão, tigrão, etc. Do outro lado as mulheres são tidas com apelidos de animais inferiores, esteticamente feios, que denigrem a imagem feminina: piranha, galinha, vaca, etc. São exemplos como esse que comprovam ainda a imagem denegrada da mulher em nosso meio.

Essas informações são facilmente passadas entre as pessoas, por meio de suas trocas sociais, não são analisadas, tampouco julgadas. São aceitas e utilizadas inclusive por mulheres que não se importam ou não entendem o real significado dessas expressões e seus pesos comparativos com os homens. Aceitamos que homens se relacionem com muitas pessoas, mas a mulher ainda precisa manter sua imagem preservada, a fim de conseguir algum dia se relacionar com um “bom homem”. O mesmo não acontece com o sexo masculino. As mulheres devem ser bons exemplos de recato e bons modos, ainda nos dias atuais, enquanto o homem pode e deve sair e mostrar sua virilidade, provando assim sua capacidade de se relacionar com muitas parceiras, e adquirir para si então denominações positivas que causem orgulho para seus familiares.

Mas, se esses discursos machistas ainda sobrevivem e são tão fortes, como eles chegam para todos de maneira tão forte, como verdades unânimes, não importando classe social, raça ou ideologia política?

A partir dessa pergunta é possível iniciar uma análise dos provérbios dentro da nossa sociedade e como eles atingem as pessoas. De onde vem, a força que trazem consigo como autenticidade, e assim conseguem difundir uma ideia machista, preconceituosa que vem lá de trás, quando não era aceita nem vista a ideia de mulher como peça importante de uma civilização, além de procriadora e cuidadora do lar.

### **Do discurso proverbial**

Quando falamos em discurso proverbial, falamos em social, em conhecimento de mundo. Ele está presente em nosso cotidiano, desde a infância, trazendo-nos ideias sobre o ambiente a nossa volta.

Para Obelkevich (1997), “a característica relevante do provérbio não está em sua forma, ou seja, no ritmo, na metáfora, na construção binária, na assonância, na aliteração, mas na função que o provérbio exerce nas interações sociais”. E é essa função social principal que os discursos proverbiais têm.

Para Maingueneau (2011, p. 42):

[...]em matéria de expressões cristalizadas, os provérbios ocupam uma posição singular, não só porque constituem frases, com verbo ('à noite todos os gatos são pardos') ou não ('Tal pai, tal filho'), mas também porque são as únicas sequências cristalizadas que fazem parte da língua, que relevam.

Sua facilidade de entendimento os torna populares e de fácil contaminação social; sendo assim, temos essa classe discursiva em todo lugar, em todos os tipos de sociedades. Como discurso, os provérbios carregam poder inclusive de persuasão, pois o que é dito por eles é considerado autêntico, uma vez que são passados de pais para filhos e assim sucessivamente.



Jolles (1976) diz: “o provérbio, ou ditado, existe em todas as camadas de um povo, em todas as suas classes, em todos os seus meios”. Então o provérbio é um discurso do cotidiano. Está inserido no nosso dia a dia, nas nossas conversas, no nosso lar e em nossa família e amigos. Quem nunca ouviu coisas como “água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”, “a pressa é inimiga da perfeição”, entre outros dizeres que nos são muito populares? A grande questão seria: até quando esses provérbios trazem benefícios a quem os dá ouvidos, e até onde podem trazer consigo, preconceitos e inverdades?

Os provérbios existem e se adaptam em qualquer ocasião; no entanto, é preciso certa habilidade para colocá-los em uma conversa. O universo proverbial é conhecido pelas pessoas desde seus primeiros passos, fazem parte do cotidiano de todos. No momento que temos discernimento para entender o que nos é transmitido através da fala, ouvimos que “criança que chora não mama”, e que “mãe só tem uma”. Utilizam-se esses provérbios inclusive como forma de controle. Uma vez que é entendido que como foi citado acima “mãe só tem uma”, é possível que haja uma redução no mau comportamento dos filhos, levando-os a temer, por exemplo, a perda desse ente tão querido.

Podem-se ilustrar claramente outras formas de controle, como por exemplo: “Deus ajuda quem cedo madruga”; ou seja, nada melhor que trabalhadores devotos e crentes de que todos seus esforços e assiduidade no trabalho serão mais para frente recompensados por uma força divina. Por esse e por outros exemplos é visto o tamanho da importância desses provérbios perante nossa sociedade. Eles geram controle, persuasão, nos dão a ideia de que eles carregam veracidade.

Para Pereira (1996),

Os provérbios consistem em asserções sobre regularidades estruturantes no mundo. As informações por eles veiculadas persistem e não são invalidadas por contraexemplos. Possuem o estatuto de compatibilidade com o real e de exatidão.

**Revista EnsiQlopédia, volume 14, número 1, out 2017, ISSN: 1984-9125 P. 107-122**



E, seguindo essa linha de raciocínio, no momento que temos essa compatibilidade com a exatidão, temos automaticamente pessoas seguidoras dessas ideias transmitidas. Percebe-se nesses provérbios um discurso estandardizado, pois é notado que eles agregam ideias de autocontrole, promovendo assim uma inibição das tendências naturais do homem. Colocam “cada macaco no seu galho”, a mulher como cuidadora do lar, o homem como ser superior livre para fazer o que quiser; as crianças comportadas para serem recompensadas, ensinando-as a serem condicionadas. Não é admitido padrões de comportamentos considerados indecentes. Os provérbios são capazes de trazer com eles a censura, o desejo, a submissão.

Assim, como objeto de estudo, teremos esse último caráter visto em especial. Se os discursos proverbiais carregam em si exatidão e verdade, em que ponto ele para de ser uma ferramenta de suporte para nossa conduta diária e passar a disseminar preconceitos? Serão eles condizentes com todas as raças, credos e gêneros, ou eles terão mensagens ultrapassadas e pensamentos que já deveriam ter sido extintos, frescos em nossos lares e diálogos diários, promovendo inconscientemente o preconceito para “todo lado”? Como eles referem-se à imagem da mulher até os nossos dias atuais? A mulher não faz mais parte desse universo proverbial de uma maneira chula, sem valor, menosprezada pela figura masculina, ou ainda aparece dessa maneira apesar de os tempos terem mudado e de haver uma grande evolução e revolução do sexo feminino a respeito desse rótulo antiquado de dona do seu lar, que o passado nos remete. Serão também os discursos proverbiais geradores de preconceito e coniventes com a submissão da mulher perante o homem?

### **O discurso Proverbial e a Mulher**

*“O preconceito contra a mulher é o mais antigo de todos, o mais sólido e o mais tradicional”.* (Karnal, 2016).

Acerca da desigualdade entre os sexos, sabemos que as desavenças não são recentes. Desde os primórdios, a mulher é considerada mais fraca, impossibilitada de exercer uma vida pública voltada que exclusivamente para os homens. As mulheres cuidavam de seus maridos e filhos, tinham sua vida recatada e privada, sem o direito inclusive de reivindicar um destino diferente.

Temos como exemplo Olympe de Gouges, autora de “Declaração dos direitos da mulher e da cidadã”, que em sua obra defendeu a democracia e os direitos das mulheres e se opôs ao modo como a relação homem e mulher se dava. Ela diz:

Mulher acorda! A força da razão faz-se ouvir em todo o universo: reconhece teus direitos. O poderoso império da natureza já não está limitado por preconceitos, superstição e mentiras. A bandeira da verdade dissipou todas as nuvens da parvoíce e da usurpação. O homem escravo multiplicou suas forças, precisou recorrer às tuas (forças) para romper seus grilhões. Tornado livre, ele fez-se injusto em relação à sua companheira.

Seu destino? Ela foi guilhotinada! Não era aceito comportamentos e atitudes como essas que desafiassem a autoridade do homem perante a sociedade, ou pior, que tentassem igualar a mulher com o homem. O gênero feminino por si era considerado desigual, assim então se vivia em conformidade com essa maneira de encarar a realidade feminina.

O tempo passou, os tempos mudaram, a mulher deixou de cuidar apenas do seu lar, e dividi, hoje, seu tempo com o trabalho. A mulher pode viver tanto sozinha quanto acompanhada; pode optar por constituir família ou não; manda em seu próprio corpo e decidi se terá filhos ou não. O homem deixou de ser o principal e único contribuinte dentro de casa; teve de aprender a lavar louças, roupas, ajudar nas tarefas domésticas. No entanto, ao mesmo tempo é visto que as coisas sim mudaram, mas de maneira subjetiva e “por

**Revista EnsiQlopédia, volume 14, número 1, out 2017, ISSN: 1984-9125 P. 107-122**

baixo dos panos”, ainda há uma rotina opressora para com a mulher; ela ainda dá explicações para as visitas, por exemplo, do por que a casa está bagunçada. Há uma tendência natural em nosso corpo social de deter a inferioridade da mulher. Os salários ainda são mais baixos, cargos altos são em sua maioria ocupados por homens; e a mulher precisa ter firmeza, “braço forte”, postura masculinizada para alcançá-los. Mas, se em nossos meios de comunicação como internet e televisão nos são passados a todo momento que o preconceito está em baixa, que não é mais permitido nem aceito tal comportamento como ainda há discursos desse escalão que não são censurados?

Partindo dessa incógnita, é possível introduzir os discursos proverbiais, pois neles estão contidas todas as formas baixas de preconceito, de inferioridade, e de submissão feminina. Vejamos o exemplo: “em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher”. Levando em consideração o índice de agressão contra a mulher tanto física quanto psicológica, por que razão não é permitido a terceiros, segundo tal provérbio, intervir em problemas conjugais.

“A mulher esquentava a barriga no fogão, e esfria no tanque”, quem nunca ouviu qualquer um desses discursos? Eles são passados de geração em geração até a atualidade e não são barrados, pois como já foi dito, trazem exatidão, veracidade, pelo tempo que estão presentes em nossas vidas.

Partindo do pensamento que a linguagem é o principal meio de comunicação do homem e que ela permite pensar e agir, ou seja, sem ela não há pensamento, não existe vínculo social, a linguagem passa então a ser um poder.

Segundo Charaudeau (2008), o primeiro poder do homem. Porém, esse poder depende de como é posto, de como é tido através de suas trocas e contatos. Nesses discursos proverbiais, esse poder definitivamente não tende a abastecer a sociedade de igualdade e sim usá-lo como uma maneira

controladora de ordem social influenciando cada gênero a assumir seu posto devido.

O princípio de influência: todo o sujeito que produz um ato de linguagem visa atingir seu parceiro, seja para fazê-lo agir, seja para afetá-lo emocionalmente, seja para orientar seu pensamento. (CHARAUDEAU, 2005, p.15).

Uma vez que o sujeito consegue controlar, manipular e atingir emocionalmente alguém, ele passa a ter então uma relação de poder perante essa pessoa. E entre homens e mulheres, essa relação perdurou de uma maneira negativa, levando a haver uma cultura de preconceito e machismo difícil de ser exterminada. Quando falamos em preconceito contra mulher nos discursos proverbiais, estamos também, falando de persuasão, de influência, uma vez que esses discursos levam a sociedade a assumir uma postura de comandante e comandado.

É comprovado pela história que houve persuasão, e de maneira tão ampla que inclusive muitas mulheres morreram tentando anular o conceito estabelecido de força do homem e impotência da mulher para o trabalho ativo na rua. Segundo estudos, a mulher é mais forte biologicamente que o homem, é mais atenta que o homem. A mulher é capaz de fazer mais de uma coisa ao mesmo tempo, porém os provérbios nos dizem o contrário. Por exemplo, está marcada no corpo social a ideia de que a mulher não dirige tão bem quanto o homem. Para tal conceito, devemos dar todo crédito a um dos provérbios: “mulher no volante, perigo constante”, no entanto, é comprovado que, de cada dez acidentes fatais, nove são provocados por homens. São exemplos como esse que comprovam a relação de poder e persuasão dessa categoria de discurso na vida de cada cidadão entendedor do que lhe é passado.

A mulher exerce papel fundamental hoje em dia, contribuindo com a economia, sendo útil no trabalho, adquirindo para si conhecimento e se tornou pensante capaz de não aceitar mais as condições que lhes eram impostas. No entanto, não conseguiu ainda tirar pensamentos pequenos

**Revista EnsiQlopédia, volume 14, número 1, out 2017, ISSN: 1984-9125 P. 107-122**

como o de que a mulher deve pouco se relacionar afim de não ter má fama. A própria mulher julga ainda outras mulheres por terem uma vida sexual aberta e ativa, por não se importarem com comentários alheios. Ainda é tida como necessidade a aprovação do homem a respeito do comportamento social da mulher para que essa seja digna de se relacionar e um dia casar-se com um homem considerado e tido como bom. As denominações esdrúxulas ainda ficam com a mulher e para o homem sobra as denominações bem aceitas, elogiosas.

A sociedade tende a seguir para um futuro com menos preconceito, com ideias mais abertas e entendimentos melhores a respeito da capacidade do sexo feminino. No entanto é preciso modificar esses discursos antiquados, carregados de inverdades imparciais, dando ao homem um legado de imponência e superioridade.

### **Considerações finais**

Independente qual for o ponto de vista adotada para a questão do preconceito e como são transmitidos, os discursos proverbiais continuam vindo até nós sem alterações, trazendo consigo suas ideias errôneas e anacrônicas. Não se pode mais aceitar pensamentos machistas que prejudiquem a imagem feminina que provou e ainda está a provar sua capacidade de igualdade e até superioridade perante o sexo masculino. Os discursos proverbiais não deixam de ser uma forma de tentativa de manter uma ordem social estabelecida e, portanto, mudanças não podem ser aceitas, assim mantendo condições anteriores sendo elas boas ou ruins, vivas em nosso corpo social.

A mulher teve sua evolução estabelecida, porém essa evolução não é bem quista e aceita, pois traz o abalo dessa ordem. Ao longo do tempo, a mulher

**Revista *EnsiQlopédia*, volume 14, número 1, out 2017, ISSN: 1984-9125 P. 107-122**

consegue quebrar as regras impostas pelo masculino e consegue adquirir o seu direito a liberdade seja do homem e do lar, seja para ter sua vida profissional. Ao mesmo tempo, ainda é reproduzida para os filhos a educação tradicional e nas quais foram criadas e ensinam os ditados preconceituosos que lutam contra. É dessa maneira inconsciente que o machismo cria força até os dias de hoje e é propagado, por vezes, também de modo inocente.

O discurso proverbial torna-se um discurso do cotidiano e já não é analisado por quem o transmite. Sendo assim, ele não se enfraquece; pelo contrário: por usar do humor para passar essas ideias de ordem social de “cada gênero no seu galho”, colocando a mulher abaixo do homem e incapaz de realizar tarefas feitas por homens com êxito e sem precisarem inclusive da ajuda masculina ou de sua aprovação. O motivo pelo qual os provérbios levam as pessoas ao riso, mesmo com o entendimento que as sociedades do mundo inteiro têm hoje a respeito da mulher ainda fica como uma incógnita.

O que se entende é que será incrivelmente difícil passar por cima desses ditados ou por qualquer preconceito que esteja entrelaçado dentro de nossa civilização. Continuaremos com a aceitação da mulher como igual apenas de maneira hipócrita por quanto tempo?

### Referências:

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. Trad.: Pauliukonis, M.A.L. & MACHADO I. L. São Paulo: Contexto, 2008a.

CHARAUDEAU, Patrick. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, M. A. L. e GAVAZZI, S. (Orgs.). *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

\_\_\_\_\_. *Discurso Político*. São Paulo: Contexto, 2008b.

**Revista EnsiQlopédia, volume 14, número 1, out 2017, ISSN: 1984-9125 P. 107-122**

\_\_\_\_\_. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; GAVAZZI, Sigrid (Orgs.). *Da Língua ao Discurso: Reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

EDUARDO, Luiz Felipe Melo (2014). “As estratégias do discurso político: uma análise de imagens e procedimentos linguísticos”. Disponível em: [http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num19/estudos/Palimpsesto19estudo\\_s05.pdf](http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num19/estudos/Palimpsesto19estudo_s05.pdf) Acessado em 01/10/2017.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 23. ed. São Paulo: Graal, 2004.

FREUD, Sigmund “As Consequências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os sexos.”, 1925; In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

GOUGES, Olympe (1789) “Declaração do direitos da mulher e da cidadã”. Disponível em: [http://www.historia.seed.pr.gov.br/arquivos/File/fontes%20historicas/declaracao\\_direitos\\_mulher\\_cidada.pdf](http://www.historia.seed.pr.gov.br/arquivos/File/fontes%20historicas/declaracao_direitos_mulher_cidada.pdf) Acessado em 01/10/2017.

JOLLES, André: *Formas Simples*. São Paulo: Cultrix, 1976.

MACHADO, R. *Foucault, a ciência e o saber*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

MAINGUENEAU, D. A propósito do ethos. In: MOTTA, Ana R.; SALGADO, L. (Orgs.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008<sup>a</sup>, p. 11-29.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em Análise do Discurso*. Trad. Freda Indursky. 2<sup>a</sup> ed. Campinas: Pontes, 1993

PORTUGUAL, Leticia. Análise do discurso – Rosaling Gil (2014)l. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/216548178/Analise-do-discurso-Rosalind-Gill>. Acessado em 01/10/2017.